

OBSERVAÇÕES CRÍTICAS AO MARXISMO EM ŽIŽEK E PETERSON

CRITICAL NOTES TO MARXISM IN ŽIŽEK AND PETERSON

LANDSTHAYNER DO NASCIMENTO MARÇAL DE OLIVEIRA¹

RESUMO: O presente trabalho tem como objetivo uma análise do socialismo a partir da obra *A Ideologia Alemã*, de K. Marx e F. Engels e dos desdobramentos contemporâneos de uma defesa marxista por Slavoj Žižek. Busca-se demonstrar como desde a refutação dos fundamentos do idealismo alemão, até o lançamento das bases de uma concepção original materialista e dialética da história humana há uma atualização do socialismo importante para contrapor o capitalismo. Destarte, a interpretação de Žižek parece ter um bom arcabouço teórico para interpretar tal reflexão, ainda que seu pensamento seja caracteristicamente disperso, há uma legitimidade de seu posicionamento político que recentemente teve como escopo o chamado “debate do século” com Jordan Peterson, um intelectual também reconhecido na psicanálise. Em tal debate que se discute a viabilidade do socialismo e do capitalismo, desdobra-se também os dois lados, negativos e positivos de ambos, o que é um resultado interessante para o posicionamento do leitor acerca dessa problemática.

Palavras-chave: Socialismo, Capitalismo, Ideologias.

ABSTRACT: The present work aims at an analysis of socialism from the work *The German Ideology*, by K. Marx and F. Engels and the contemporary developments of a Marxist defense by Slavoj Žižek. It seeks to demonstrate how, from the refutation of the foundations of German idealism, to the laying of the foundations of an original materialist and dialectical conception of human history, there is an update of important socialism to oppose capitalism. Thus, Žižek's interpretation seems to have a good theoretical framework for interpreting such a reflection, even though his thought is characteristically dispersed, there is a legitimacy of his political positioning that recently had the

¹ Graduado em Filosofia pela Universidade Federal do Piauí. E-mail: landsthaynermx_13@ufpi.edu.br

scope of the so-called “debate of the century” with Jordan Peterson, an intellectual also recognized in psychoanalysis. In such a debate that discusses the viability of socialism and capitalism, the two sides, negative and positive of both, also unfold, which is an interesting result for the positioning of a reader on this issue.

Keywords: Socialism, Capitalism, Ideologies.

1. INTRODUÇÃO

A Ideologia Alemã, primeira parceria de Marx e Engels na produção de um texto comum, de acordo com o testemunho dos próprios autores, foi escrita em fins de 1845/ princípios de 1846, tendo por objetivo mais direto um balanço crítico e “acerto de contas” com a filosofia idealista alemã que se estendia desde a tradição vinda de Hegel. Os jovens Marx e Engels - que não alcançavam ainda a idade de trinta anos - haviam percorrido já experiências e estudos que os ligavam aos problemas centrais do seu tempo, ao contato inicial com contradições fundamentais da sociedade burguesa, suas potências e misérias intrínsecas.

De sua identificação inicial com o cerne do pensamento hegeliano, Marx passa a buscar na própria realidade sócio-material a orientação do pensamento. Neste caminho que vai do distanciamento crescente à ruptura com o idealismo, as ideias materialistas defendidas por Feuerbach em fins da década de 1830 e inícios de 1840 desempenham um papel importante para identificação do ser à objetividade, e à decorrente reivindicação do “homem como ser soberano para si”.

Pode-se afirmar também que nos *Manuscritos Econômico-filosóficos* de 1844 prevaleciam os estudos iniciais da sociedade civil burguesa de então, a busca de sua anatomia, formas e estruturas, seu metabolismo, explicitados desde as relações da propriedade burguesa, capitalista.

Na sociedade hodierna muito se tem falado em inclusão social, solidariedade, voluntariado, flexibilidade, cidadania, ética e outros termos, que se dirigem aos setores excluídos e marginalizados da sociedade. São termos

que elucidam um determinado pensamento, que direciona as ações da coletividade internacional, visando atender as necessidades que a humanidade apresenta neste momento. Estas ações declamam um discurso fraterno, que nos remete aos velhos ideais de “igualdade, liberdade e fraternidade”, já prometidos pela burguesia em 1789, durante a Revolução Francesa, mas que, três séculos depois, os trabalhadores do mundo inteiro não alcançaram, muito pelo contrário, vêm-se cada vez mais longe desse sonho.

Nesse sentido, o presente Trabalho de Conclusão de Curso pretende responder criticamente como a filosofia marxista passa por um processo de atualização e crítica por meio de Slavoj Žižek. No intuito de trazer uma contextualização de toda essa questão, o pensamento de Žižek dialoga diretamente com Hegel, um dos mestres conceituais de Marx, Žižek, entretanto, traz toda a sua visão conceitual do idealismo alemão e da dialética ao longo da história. É importante fazer uma ressalva, Žižek não coaduna com tudo o que foi escrito por Marx, por mais que ele seja um pensador de esquerda, ele critica tanto a direita como a esquerda atual, não poupando assim de suas críticas qualquer espectro ideológico-político.

Žižek leva em consideração a noção hegeliana dialética de que a história tem um grande enredo que vai sendo construída como se fosse um quebra-cabeça. E essas contradições acabam sendo necessárias, pois Žižek discorda dessa perspectiva dita pós-moderna e se contrapõe a essas defesas de que a história possui um grande fio condutor. Em cima disso, pode-se encontrar Žižek fazendo críticas sociais as questões ideológicas e ao próprio sistema capitalista, complementando com a ideia de que nós temos um inconsciente e que existem elementos que estão na psiquê humana e que acabam influenciando efetivamente as nossas vidas, por isso também há uma grande influência de Lacan no pensamento de Žižek.

Žižek sinaliza que é preciso ressignificar, desconstruir e estabelecer novas regras para a vida em sociedade. Regras que sejam, na perspectiva dele, mais justas e mais igualitárias. Mais enquanto ficarmos apenas nessa rivalidade até

certo ponto irracional da esquerda x direita, apenas teremos uma “dança das cadeiras” onde o *status quo*² permanece.

O presente trabalho apresentará a seguir então 3 capítulos acerca dessa problematização do que é uma crítica do marxismo feita por Žižek, mas para tal, no primeiro capítulo será apresentado uma base teórica sistemática do marxismo tomando a economia como ponto de partida e fundamento da luta de classes. No segundo capítulo haverá uma reflexão acerca do debate entre Žižek e Jordan Peterson acerca do embate entre socialismo e liberalismo. No terceiro capítulo surgirá então um aprofundamento da crítica da ideologia a partir do trabalho de Žižek Um mapa da ideologia.

2. CONCEPÇÃO MATERIALISTA E DIALÉTICA DA HISTÓRIA

A história nada mais é do que o suceder-se de gerações distintas, em que cada uma delas explora os materiais, os capitais e as forças de produção a ela transmitidas pelas gerações anteriores; portanto, por um lado ela continua a atividade anterior sob condições totalmente alteradas e, por outro, modifica com uma atividade completamente diferente as antigas condições, o que então pode ser especulativamente distorcido, ao converter-se a história posterior na finalidade da anterior. (MARX & ENGELS, 2016, p. 40)

159

Na história que se deu até aqui, sem dúvida, é um fato empírico que os indivíduos singulares, com a expansão da atividade numa atividade histórico-mundial, tornaram-se cada vez mais submetidos a um poder que lhes é estranho, um poder que se torna cada vez maior e que se revela, em última instância, como *mercado mundial*.

No desenvolvimento das forças produtivas advém uma fase em que surgem forças produtivas e meios de intercâmbio que, no marco das relações existentes, causam somente malefícios e não são mais forças de produção, mas forças de destruição (maquinaria e dinheiro). (MÉSZÁROS, 2011, p. 17).

Ligada a isso, surge uma classe que tem de suportar todos os fardos da sociedade sem desfrutar de suas vantagens e que, expulsa da sociedade, é

² *Statu quo* é uma palavra em latim que significa “o estado das coisas, estado estabelecido”.

forçada à mais decidida oposição a todas as outras classes. Surge também o Estado burguês baseado no pensamento liberal daqueles que detêm os meios de produção e que impõem um estilo de vida a partir da propriedade, da crença na propriedade e no indivíduo. E Marx, vê que na prática essa sociedade baseada na propriedade, vai ser na verdade uma sociedade marcada por conflitos e por desigualdades.

A situação onde a minoria da população, a burguesia industrial e mercantil e os proprietários fundiário, assenhorou-se do poder do Estado para manter sua exploração econômica e sua dominação política simplesmente acomoda a desigualdade social baseada na exploração. O Estado que aí está, não é a realização da razão. O Estado que ai está, não é a universalização dos interesses humanos. A revolução, portanto, é necessária não apenas porque a classe dominante não pode ser derrubada de nenhuma outra forma, mas também porque somente com uma revolução a classe que derruba detém o poder de desembaraçar-se de toda a antiga imundície e de se tornar capaz de uma nova fundação da sociedade.

Marx pensa a política a partir da classe trabalhadora e revolucionária: isso quer dizer que tudo que ele propõe, para o proletariado, gira em torno da ideia de que este assuma o poder. Isso é totalmente diferente de reivindicar, quando alguém reivindica alguma coisa, está aceitado a desigualdade no poder.

Com a cidade surge, ao mesmo tempo, a necessidade da administração, da polícia, dos impostos etc., em uma palavra, a necessidade da organização comunitária e, desse modo, da política em geral. Aqui se mostra, pela primeira vez, a divisão da população em duas grandes classes, que se baseiam diretamente na divisão do trabalho e nos instrumentos de produção. A cidade é, de pronto, o fato da concentração da população, dos instrumentos de produção, do capital, das necessidades, enquanto o campo evidencia exatamente o fato contrário, a saber, o isolamento e a solidão. (MARX & ENGELS, 2016, p. 52)

Diferente de Durkheim, que acreditava que o trabalho causava coesão social, Marx entende que o trabalho gera conflitos sociais principalmente porque sempre tem uma classe explorando e uma classe que é explorada. Ele entendia que as cidades eram associações criadas pela necessidade da

burguesia e pela preocupação com a defesa da propriedade e multiplicar os meios de produção e de defesa dos membros individuais, o que acabou por transformar a plebe num indivíduo desprovido de todo poder e estranho a si mesmo.

O capital, nessas cidades, era um capital natural, que consistia na habitação, nas ferramentas e na clientela natural e hereditária, e que tinha de ser legado de pai para filho como capital irrealizável, devido ao intercâmbio não desenvolvido e à circulação incompleta. Esse capital não era, como o moderno, calculável em dinheiro e para o qual é indiferente se ele é aplicado em uma ou outra coisa, mas sim um capital imediatamente ligado ao trabalho determinado do possuidor e inseparável dele; era, nessa medida, um capital estamental. (MARX & ENGELS, 2016, p. 54).

A partir da dominação das forças naturais (trabalho), o surgimento da propriedade privada, o ser humano produziu um estranhamento entre trabalhador e trabalho. Isso decorreu das condições criadas pela divisão do trabalho e pela propriedade privada, pois o produto do trabalho, antes mesmo de o trabalhador se realizar, pertence a outra pessoa que não o trabalhador. Por isso, em lugar de se realizar em seu trabalho, o ser humano se aliena nele.

Com o comércio constituído numa classe especial, com a expansão do comércio por meio dos comerciantes para além dos arredores mais próximos da cidade, surgiu prontamente uma ação recíproca entre a produção e o comércio. As cidades estabeleceram ligação umas com as outras. (MARX & ENGELS, 2016, p. 54)

A divisão do trabalho entre as diferentes cidades teve como consequência imediata o nascimento das manufaturas, os ramos da produção que ultrapassavam o âmbito do sistema corporativo.

A classe que tem à sua disposição os meios da produção material dispõe também dos meios da produção espiritual, de modo que a ela estão submetidos aproximadamente ao mesmo tempo os pensamentos daqueles aos quais faltam os meios da produção espiritual. (MARX & ENGELS, 2016, p. 47).

O poder ele não é só representativo, ele corta liberdades, e, por isso mesmo, Marx quer pôr fim no Estado. Quer que “o governo sobre os homens” seja substituído pela administração das coisas”. Esse elemento libertário

culmina na tese de abolição do estado. Engels acrescenta: “surgiram juntos, e sumirão juntos, o Estado, a propriedade privada e a família” (entendida como um sistema repressor, não como uma relação de amor). Para Marx, o Estado surge em um determinado momento da história e na sua concepção, o Estado é um instrumento dos sistemas econômicos-sociais de divisão de classe, e segundo ele, num determinado momento histórico, este desaparecerá mesmo que seja necessária uma ditadura do proletariado. Feito isto, o objetivo é instaurar uma sociedade socialista que tem por fim acabar com a exploração para que possa ser criado as condições ideais para o surgimento do comunismo.

A relação comercial entre as nações assume uma forma de capital mercantil que monopoliza a indústria mecanizada e garante o do de produção capitalista e permanesse sem promover alterações significativas a esses modo de produção.

O aparecimento, nos mercados europeus, do ouro e da prata americanos, o desenvolvimento gradual da indústria, o rápido desenvolvimento do comércio e, em consequência disso, o florescimento da burguesia não corporativa e do dinheiro conferiram a essas medidas um outro significado. O Estado, que podia cada dia menos rejeitar dinheiro, mantinha a proibição da exportação de ouro e prata por motivações de ordem fiscal; os burgueses, para quem essas massas de dinheiro jogadas novamente no mercado constituíam o objeto principal do açambarcamento, estavam plenamente satisfeitos com isso; os privilégios até então existentes tornaram-se uma fonte de receitas para o governo e foram vendidos por dinheiro; na legislação alfandegária surgiram tributos sobre a exportação, que, tão somente [interpondo] um obstáculo no caminho da indústria, tinham uma finalidade puramente fiscal. (MARX & ENGELS, 2016, p. 58)

Da mesma forma, os países nos quais está desenvolvida uma grande indústria atuam sobre os países mais ou menos não industrializados, na medida em que estes são impulsionados pelo comércio mundial à luta universal da concorrência.

A transformação, pela divisão do trabalho, de forças (relações) pessoais em forças reificadas não pode ser superada arrancando-se da cabeça a representação geral dessas forças, mas apenas se os indivíduos voltarem a subsumir essas forças reificadas a si mesmos e superarem a divisão do trabalho. Isso não é possível sem a comunidade. [...] A diferença entre o indivíduo pessoal e o indivíduo de classe, a contingência das condições de vida para o indivíduo aparecem apenas juntamente com a classe que é, ela mesma, um

produto da burguesia. Somente a concorrência e a luta dos indivíduos entre si é que engendram e desenvolvem essa contingência enquanto tal. Por conseguinte, na representação, os indivíduos são mais livres sob a dominação da burguesia do que antes, porque suas condições de vida lhes são contingentes; na realidade eles são, naturalmente, menos livres, porque estão mais submetidos ao poder das coisas. A diferença com o estamento aparece sobretudo na oposição da burguesia ao proletariado. (MARX & ENGELS, 2016, p. 65)

Deve-se destacar que a crítica da alienação realizada por Marx não foi um fim em si mesma, mas tinha como objetivo preparar o caminho para uma revolução. Ele entendia que o fim das classes sociais tornaria o Estado supérfluo, e que ele desapareceria no curso da revolução. Esse movimento não pode se contentar em melhorar a condição de seus membros, devem mudar a posição deles. Indicadores de renda ajudam pouco nesse caso, o que se propõe não é mais dinheiro, conforto, ou se quer melhor educação. É uma revolução que significa assumir, e compartilhar, o poder.

O comunismo distingue-se de todos os movimentos anteriores porque revoluciona os fundamentos de todas as relações de produção e de intercâmbio precedentes e porque pela primeira vez aborda conscientemente todos os pressupostos naturais como criação dos homens que existiram anteriormente, despojando-os de seu caráter natural e submetendo-os ao poder dos indivíduos associados. Sua organização é, por isso, essencialmente econômica, a produção material das condições dessa associação; ele faz das condições existentes as condições da associação. (MARX & ENGELS, 2016, p. 67)

Para sairmos de uma sociedade de escravos é necessário refazermos a noção de democracia como a participação massiva de todos os cidadãos e não apenas escolher seus líderes, mas criar consciência do que está nos prendendo. A consequência da letargia é que há indivíduos que aceitam sem nenhuma argumentação a lamentável vida que possuem. Assim, a subversão mais autêntica seria mostrar a realidade como ela é. Desse modo, os comunistas tratam, praticamente, as condições criadas pela produção e pelo intercâmbio precedentes como condições inorgânicas, sem suspeitar, no entanto, que gerações anteriores tiveram como plano ou como destinação fornecer-lhes materiais, e sem crer que essas condições eram inorgânicas para os indivíduos que as criaram.

“Os indivíduos partiram sempre de si mesmos, mas, naturalmente, de si mesmos no interior de condições e relações históricas dadas, e não do indivíduo “puro”, no sentido dos ideólogos.” (MARX & ENGELS, 2016, p. 74).

A apropriação de uma totalidade de instrumentos de produção é o desenvolvimento de uma totalidade de capacidades nos próprios indivíduos e essa apropriação é, além disso, condicionada pelos indivíduos que apropriam. Todas as apropriações revolucionárias anteriores foram limitadas; os indivíduos, cuja autoatividade estava limitada por um instrumento de produção e por um intercâmbio limitados, apropriavam-se desse instrumento de produção limitado e chegavam, com isso, apenas a uma nova limitação. Em todas as apropriações anteriores, uma massa de indivíduos permanecia subsumida a um único instrumento de produção; na apropriação pelos proletários, uma massa de instrumentos de produção tem de ser subsumida a cada indivíduo, e a propriedade subsumida a todos. O moderno intercâmbio universal não pode ser subsumido aos indivíduos senão na condição de ser subsumido a todos.

Os indivíduos que não estão mais subsumidos à divisão do trabalho foram representados pelos filósofos como um ideal sob o nome “o homem”, e todo esse processo que aqui expusemos foi apreendido como o processo de desenvolvimento “do homem”, de modo que “o homem” foi, em cada fase histórica, furtivamente introduzido por sob os indivíduos precedentes e apresentado como a força motriz da história. O processo inteiro foi, então, apreendido como processo de autoalienação “do homem”, e isso ocorreu essencialmente porque o indivíduo médio da fase posterior [foi] sempre introduzido subrepticiamente na fase anterior e a consciência posterior nos indivíduos da fase anterior. Com essa inversão, que desde o início abstrai das condições reais, foi possível transformar a história inteira num processo de desenvolvimento da consciência. (MARX & ENGELS, 2016, p. 74).

Marx, que tanto criticava os utópicos (Saint-Simon, Fourier, Owen) e defendia a liberdade, deixou seu legado entre a utopia e o Gulag³. A seguir, passaremos então à crítica ideológica que se desdobra desses processos ideológicos apresentados frutos da exploração do trabalho humano e de como

³ **Gulag** era o campo de concentração russo que exilava qualquer um que fosse contra os ideais ditados pelo stalinismo soviético.

eles se dicotomizam e se problematizam no chamado *Debate do Século* entre Peterson e Žižek.

3. O DEBATE DO SÉCULO

Dois dos pensadores mais influentes de hoje, Jordan Peterson e Slavoj Žižek, debateram em abril de 2019 sobre se o melhor caminho para a “felicidade” é o capitalismo ou o marxismo? Chamado de debate do século, o evento reuniu de um lado, um dos intelectuais marxistas mais conhecidos do mundo e do outro, uma das personalidades mais queridas pela *alt-right*⁴ a nova direita que se articula na internet. Žižek, por sua vez, pode ser considerado um crítico do marxismo e também é muito crítico do que ocorreu na história do comunismo. Da tentativa de implementar um comunismo no mundo. Então, ele é alguém que também não é muito bem aceito pela esquerda moderada, ou pela esquerda Liberal porque ele é muito crítico de pautas identitárias, por exemplo. Os dois, embora estejam em opostos nessa luta, eles são criticados pelo mesmo grupo, pois o Žižek também é um crítico do politicamente correto⁵, também é um crítico das pautas identitárias que segundo ele desviam o foco principal da luta contra o capitalismo.

³ **Alt-right** refere-se a um grupo de pessoas de extrema direita.

⁴ O termo **Politicamente Correto** é usado para descrever expressões, políticas ou ações que evitam ofender, excluir e/ou marginalizar grupos de pessoas que são vistos como desfavorecidos ou discriminados, especialmente grupos definidos por gênero, orientação sexual ou raça.

O confronto de ideias entre o cientista social esloveno Slavoj Žižek e o psicólogo canadense Jordan Peterson teve um tom geral bastante amistoso. No debate, Peterson começou a falar atacando *O Manifesto Comunista*. Ele disse que não conseguiu ler toda obra do Žižek porque são vários livros, são 30 livros ou mais e como Žižek se apresenta como um filósofo marxista, Peterson pensou que a melhor estratégia seria atacar o Manifesto Comunista. O que é uma péssima estratégia pra ser bem sincero, porque O Manifesto comunista não é um tratado filosófico é um panfleto para o Partido Comunista.

Peterson faz uma crítica a essa visão binária do Marx de que há a classe proletária e a classe burguesa, que a luta de classes se resume a isso. O ser humano é muito mais complexo, na verdade existem inúmeras lutas que ocorrem nessa vida humana em nossas sociedades, e uma delas, a principal é a luta de sobrevivência. Ele diz que as pessoas não ascendem na hierarquia porque buscam poder, mas por outras razões, por outras competências. E um outro ataque que ele realiza também, é dizer que é uma ingenuidade atribuir todo mal para os dominantes e toda a bondade, todo o bem para os dominados. Então os opressores são sempre maus e os oprimidos sempre bons. Outra ideia que ele ataca também na obra do Marx é a ditadura do proletariado alegando que embora se possa romper com uma disputa de classes, como uma luta de classes e você tem uma estrutura de proletariado que você acaba escolhendo algumas pessoas para controlar o sistema, essas pessoas também poderão ser corrompidas pelo poder.

Peterson fala também que “se houvesse uma utopia nós a destruiríamos”. O ser humano está sempre tentando romper as coisas, e nisso se você encontra um momento que seria ideal perfeito, no qual alguém tentaria romper para poder ter um tipo de emoção da vida. Ele defende depois uma ideia que é típica também de conservadores e de direitistas como um todo e neoliberais também, que não existe sociedade sem desigualdade. Então qualquer noção de uma sociedade justa igualitária é uma utopia impraticável. E para concluir sua fala, ele faz uma defesa do capitalismo dizendo que o pobre não está ficando mais pobre no capitalismo, o pobre tá ficando mais rico. Apontando que quando se analisa os últimos 150 anos o que se vê é uma

crecente geração de riqueza e que tenha elevado os pobres da miséria por uma condição menos miserável. Basicamente o que o Peterson defende é uma visão liberal da sociedade, para ele não existe sociedade sem hierarquia, não existe nada na natureza que não seja estruturada hierarquicamente.

Slavoj Žižek inicia falando que ele também é atacado pela esquerda liberal por causa da sua crítica ao politicamente correto, as pautas identitárias... Ele dá exemplos da China que seria um caso de sucesso de um governo socialista, porém autoritário e ao mesmo tempo com práticas de livre mercado, ou seja, uma economia capitalista que tem um governo autoritário e que tem o maior crescimento econômico do mundo. Esse regime chinês visaria a felicidade da maior parte da população. Depois ele explica que não está elogiando a China, ele diz que pode ser um prenúncio do que pode ocorrer, ele tem um temor de que o mundo vire uma grande China com regimes autoritários e economia de livre mercado. O tema do debate é “Felicidade: marxismo versus capitalismo”, então o que o Žižek propõe é um questionamento do que é felicidade? Que a gente não sabe o que é isso. Ele diz que geralmente a gente fica mais feliz quando obtemos aquilo que desejamos, pelo contrário, quando você obtém aquilo que deseja, descobre que não era aquilo que você queria.

Žižek é muito criticado pelos neo-conservadores é em relação a ausência dos valores transcendentais que o marxismo propõe em um outro modelo ou o ateísmo e eles defendem que só má religião faz com que pessoas boas façam coisas más. Em seguida, Žižek entra na questão da ideologia, segundo a qual o tal marxismo cultural é um inimigo imaginário criado pelo capitalismo, como consequência do capitalismo na verdade, a deturpação moral, a quebra de valores, o consumismo exacerbado é consequência do capitalismo. O marxismo cultural é na verdade o capitalismo cultural ambos, possuem plano de poder, implantando seus dogmas em determinadas sociedades através da cultura. E todos os regimes, todos os sistemas precisam encontrar inimigos ideais imaginários para que fechem lutas ideológicas. Exemplificando, para o nazismo eram os judeus e agora no mundo capitalista ocidental são os refugiados que demonstram essa luta ideológica. Isso é um grande perigo para a sociedade capitalista ocidental, então você encontra um inimigo imaginário essencial para

que se concentre todas as energias contra tais inimigos visando não eliminá-los, mas anulá-los mantendo-os por perto como forma de exposição do vencedor sobre o perdedor. talvez até como forma de dizer: esse é bom e aquele é ruim. Segundo Žižek, estamos contando histórias para obter-nos uma compreensão significativa sobre nós mesmos, e essa construção de narrativas de histórias para dar algum sentido à nossa existência coletiva e individual é o que ele chama de “ideologia”⁶. No caso o marxismo cultural seria essa função ideológica de atribuir a culpa das falhas do sistema para algo externo. No livro *As Piadas de Žižek* ele comenta a similaridade de ambos os polos em tom zombeteiro e esclarecedor:

Em meados da década de 1930, acontece um debate acirrado no Politburo dos bolchevistas: no mundo comunista , o dinheiro continuará a existir? Os esquerdistas partidários de Trótski dizem que não haverá dinheiro nenhum, porque o dinheiro somente é necessário em sociedades com propriedade privada. Os direitistas partidários de Bukharin, por seu lado, dizem que sim, claro que haveria dinheiro no comunismo, pois toda sociedade complexa precisa dele para regular a troca de produtos. Finalmente o camarada Stálin interfere na discussão e rejeita as duas hipóteses, tanto a da esquerda como a da direita, dizendo que a verdade é uma síntese dialética superior entre os opostos. Quando outros membros do Politburo lhe perguntam como será essa síntese, Stálin responde calmamente: “Haverá e não haverá dinheiro no comunismo. Alguns terão dinheiro e outros não!.” (ŽIŽEK, 2014, p. 26)

A fala do Žižek é muito dispersa, ele fala sobre os liberais que são responsáveis pela ascensão da extrema direita pelo mundo. Do Trump, por exemplo. Segundo Žižek, quando ele fala de marxismo ou fala de comunismo, o que ele tem em mente é o igualitarismo que cria condições para o máximo de pessoas atingirem o seu potencial e segundo ele o capitalismo elimina essas condições. E depois, atacando a visão das hierarquias do Peterson, dessas tais hierarquias naturais, ele diz que também que há hierarquias improvisadas. Ele usa o caso dos franceses que utilizam os erros deles para poder gerar coisas

⁶ **Ideologia**, para Žižek, significa o modo em que a ficção da autoidentidade é construída por meio da estrutura da linguagem e, de modo mais abrangente, pela ordem simbólica. (Entendendo Slavoj Žižek - Um guia ilustrado, pág. 20)

novas como por exemplo o champagne que foi um erro na hora da produção do vinho e depois passa a ser um produto desejado.

Segundo o filósofo esloveno, quando falamos em liberdade, não somos livres espontaneamente, pois precisamos de um líder para nos guiar à liberdade. E um dos pontos interessantes da fala do Žižek é que ele fala sobre a tese 11 do Marx, nas *Teses sobre o Feuerbach*. E ele reverte essa tese do Marx, que ao invés de tentar mudar o mundo como foi feito de maneira catastrófica ao longo do século XX, talvez seja a hora de tentar compreender e interpretar o mundo.

E retornando à questão dos refugiados, sobre as falhas do capitalismo, ele diz que a recepção deles na Europa não é a solução para o problema, mas seria uma solução global coletiva para tentar solucionar os problemas dos países de origem dos refugiados, das condições que levam as pessoas a se refugiarem no mundo. E ainda sobre o comunismo, o que ele entende sobre, seria uma crescente regulamentação do mercado⁷, tentar sanar os problemas do capitalismo e criar uma sociedade mais justa e não implantar o comunismo como se entende tradicionalmente que seria o fim do capitalismo. E ele se diz pessimista para o futuro, ele acha que não temos condições de sanar esse problemas, que a tendencia é se agravar cada vez mais as falhas do capitalismo e quando for entendido que é preciso ser feito alguma coisa, será tarde demais e não terá solução.

O segundo ponto da discussão do debate é a resposta do Peterson ao Žižek, e ele diz que não está defendendo o capitalismo, mais sim o capitalismo em relação ao comunismo. E segundo ele, ainda sobre o tema da felicidade entre capitalismo e marxismo, ele diz que estudos indicam que a felicidade é a ausência de miséria. Que alguém ser rico ou ter muitos bens materiais, não quer dizer que este seja mais feliz, mais o não ser miserável já ajuda a eliminar condições de infelicidade.

É que as catástrofes humanas são inerentes a nossa existência e não ao sistema capitalista. E uma das defesas recorrentes do Peterson partem do

⁷ **Regulamentar o mercado** no comunismo é fazer com que ele seja submetido ao regulamento do socialismo de mercado em que esse sistema político-econômico mescla características socialistas na área política com princípios da economia de mercado.

individual e depois para o coletivo. E a resposta do Žižek é muito divertida, ele diz que a felicidade não é ter responsabilidades, mais sim ter alguém em quem pôr a culpa dos problemas. Segundo ele, essa é a natureza corrompida da felicidade, as pessoas não sabem o que é a felicidade, não sabem como encontrá-la, não sabem como chegar a ela, e é justamente por isso que ela deve ser tratada como um efeito colateral de uma luta por alguma causa que se acredita, por alguma busca que se faz. Ou seja, se você buscar a felicidade, você a perde. Se fizer outras coisas, tentar viver a vida da melhor maneira possível, atuando de maneira positiva, se pode talvez, encontrar a felicidade de forma indireta.

A conclusão deste debate é que eles são muito mais próximos em alguns aspectos do que se poderia imaginar. A grande diferença entre os dois é em relação as hierarquias: o Peterson defende que elas são naturais, que não se tem como fugir delas, enquanto Žižek defende que elas podem ser rompidas de maneira improvisada mesmo na natureza. E a questão central do Žižek é a ideologia. De como somos perpassados por uma série de crenças, de ideias, de noções, que não temos consciência disso e como somos influenciados por ela.

E algo que é nítido, que se pode perceber é uma diferença de alguém que é um filósofo, que é o caso do Žižek, que tem uma base filosófica profunda e se diz hegeliano mais do que marxista e que tenta aplicar a ideia hegeliana na teoria do Marx, e que faz várias citações a outros pensadores na sua apresentação e também é um psicólogo. Já o Peterson não é um filósofo, então se tem duas percepções, uma mais abstrata, que é o caso do Žižek, embora apresente casos concretos tem uma visão mais global, mais holística de toda a situação e o Peterson que parte da sua experiência clínica, então existem alguns casos práticos, de como se trabalha com indivíduos contando suas experiências pessoais para um psicólogo. E talvez a limitação do Peterson seja essa, passar de casos particulares empíricos, como numa indução, para uma visão mais totalizante, mais abrangente do que é a sociedade.

Em suma o encontro não chegou a ser um embate porque os dois estavam ali tentando encontrar algum tipo de resposta para esse problema da felicidade, seja no marxismo, seja no capitalismo. Em essência foi o tipo de debate que

deveria ser, que é a busca conjunta por respostas e não um lutando contra o outro a fim de se saber quem é o melhor. O Žižek se afastou um pouco do marxismo em dizer que tem seus problemas, as experiências socialistas têm suas falhas, suas tragédias e ele não as esconde, não nega, e, pelo contrário, ele tem uma visão pessimista da sociedade, na qual a tendência de todos os sistemas, sejam socialistas ou capitalistas, seja a destruição. O Peterson também compartilha dessa noção do poder destrutivo da maldade humana, mais por outro lado ele pensa que as estruturas hierárquicas podem nos dar algum tipo de solução, que elas são um modo de organizar o caos e resolver os problemas.

4. DA CRÍTICA DO ŽIŽEK AO MARXISMO

Em *O mapa da ideologia*, Žižek (2016) defende que o princípio da vida real se difunde de forma obstinada, das criaturas para a totalidade da classe burguesa. Dessa forma, não apenas seus membros foram submetidos a um persistente controle social, pela competição e pelo cooptação em sua vida profissional, como também sua vida particular foi absorvida pelas formações reificadas em que se cristalizaram as relações interpessoais. Impotente numa sociedade esmagadora, o indivíduo só vivencia a si mesma enquanto socialmente mediado. Assim, as instituições criadas pelas pessoas são ainda mais fetichizadas: desde o momento em que os sujeitos passaram a se conhecer somente como intérpretes das instituições, estas adquiriram o aspecto de algo divinamente ordenado. Quanto menos sentido funcional tem a divisão social do trabalho, mais obstinadamente os sujeitos se agarram aquilo que a fatalidade social lhes infligiu. A alienação transforma-se em intimidade, a desumanização, em humanidade, e a extinção do sujeito, em sua confirmação.

Segundo Žižek, as pessoas manipularam a tal ponto o conceito de liberdade, que ele acabou por se reduzir ao direito dos mais fortes e mais ricos de tirarem dos mais fracos e mais pobres o que estes ainda têm. O alemão e o inglês reservam a palavra “livre” para os bens e serviços que não custam nada.

À parte a crítica a economia política, isso testemunha a falta de liberdade que a relação de troca, ela mesma, pressupõe; não há liberdade enquanto tudo tem um preço e, na sociedade reificada, as coisas isentas do mecanismo de preço só existem como rudimentos lastimáveis.

As pessoas, já não se sentem à vontade numa cidade, mas, como consequência última da liberdade de movimentação, submetem sua vida inteira, até espacialmente, às condições mais favoráveis do mercado de trabalho. Estar permanentemente afastado e ater-se com firmeza ao amor tornou-se impensável. Quem ainda conseguiria amar, se fosse excluído o momento em que o outro ser corpóreo é percebido como uma imagem que condensa toda a continuidade da vida, como que numa fruta suculenta? Que seria da esperança sem a distância? A humanidade foi a consciência da presença do que não está presente, daquilo que se evapora num estado que confere a todas as coisas ausentes a aparência palpável da presença e do imediato, portanto, sente desprezo por aquilo que não se compraz com essa simulação. Uma humanidade que atinja a maioria terá que transcender seu próprio conceito do enfaticamente humano, positivamente. Caso contrário, sua negação absoluta, o desumano, sairá vencedora.

Cada pensamento é um campo de forças e, assim como o conteúdo de verdade de um julgamento não pode ser separado de sua execução, as únicas ideias verdadeiras são aquelas que transcendem sua própria tese. Uma vez que elas têm que dissolver visões cristalizadas dos objetos, a forma de reificação que consiste em manter um pensamento como um bem estável opõe-se a seu próprio sentido. Até as opiniões do mais extrema radicalismo são falseadas tão logo se insiste nelas, como confirma avidamente a sociedade ao discutir a doutrina e, desse modo, absorvê-la. Isso lança uma sombra sobre o conceito de teoria. Não há uma só teoria que, em virtude de sua constituição como uma estrutura fixa e coerente, não abrigue em si um fator de reificação. É justamente isso que a torna eficaz. O conceito de “idee fixe” não concerne apenas a aberração, mas é um ingrediente da própria teoria, e a pretensão totalizante de uma coisa particular, que surge tão logo um aspecto distinto e firmemente mantido em isolamento. As ideias relacionadas com suas antíteses

não estão isentas disso. Até mesmo teorias de extrema dignidade são, no mínimo, propensas a uma interpretação reificada. Se a verdade fosse definida como o totalmente não-paranoico, ela seria, ao mesmo tempo, não só o totalmente impotente e em conflito consigo mesmo, na medida em que a práxis acha-se entre seus componentes, como seria também inteiramente incapaz de elaborar uma estrutura coerente de sentido. A fuga da ideia fixa transforma-se numa fuga do pensar. O pensamento purgado da obsessão, o empirismo rematado, torna-se ele mesmo obsessivo, ao sacrificar a ideia da verdade, que se sai muito mal nas mãos dos empiristas.

Também por esse aspecto, a dialética teria que ser vista como uma tentativa de escapar ao ou/ou. Ela é o esforço de resgatar a caráter contundente e a lógica consequente da teoria, sem abandoná-la ao delírio.

O sufocamento do pensar serve-se de um par de alternativas quase inevitável. Aquilo que é plenamente confirmado em termos empíricos, com todas as verificações exigidas pelos adversários, sempre pode ser previsto pelo mais modesto uso da razão. A sarcástica sabotagem empirista viceja nisso, levando tapinhas nas costas dos encarregados do orçamento, que afinal administram seus negócios, e sendo brindada com os cantos da boca arriados que significam "eu sempre soube disso". Mas o que seria diferente, a contribuição pela qual os cientistas afirmam ansiar, e igualmente depreciado por eles, simplesmente por não ser do conhecimento geral: "Onde e que está a prova?" Se falta a prova, a ideia só pode ser uma especulação inútil e infundada, enquanto, supostamente, a pesquisa deveria dar cambalhotas como as reportagens. Essas alternativas fatais induzem a um derrotismo mal humorado. O processo das ciências sociais oficiais, hoje em dia, é pouco mais que uma paródia das empresas que sustentam essa ciência, ao mesmo tempo que só precisam dela, na verdade, como propaganda. O movimento autoinduzido desse trabalho burocrático só é chamado de pesquisa por não ter nenhuma influência seria na produção material, e menos ainda ir além dela como crítica. Na pesquisa, o espírito desse mundo brinca sozinho, mas à maneira como as crianças as brincam de motoristas de ônibus, vendendo passagens que não levam a parte alguma. Como uma imitação canhestra das ciências exatas, ao

lado de cujos resultados as ciências sociais parecem insignificantes, a pesquisa agarra-se temerosamente ao molde reificado dos processos vitais como garantia de correção, quando sua única tarefa adequada consistiria em demonstrar a reificação da vida através da contradição imanente desses métodos.

Para Žižek, quem é versado na teoria dialética reluta em se entregar a imagens positivas de uma sociedade adequada, de seus membros e até dos que a aprimorariam. Os vestígios do passado impedem-no de fazê-lo, em retrospectiva, todas as utopias sociais, desde a de Platão, fundem-se numa desalentadora semelhança com aquilo contra o qual foram concebidas. O salto para o futuro, passando por cima das condições do presente, aterrissa no passado. Em outras palavras, não é possível formular os fins e os meios isolando-os uns dos outros. A dialética não quer saber do lema de que os primeiros justificam os últimos, por mais que ele pareça aproximar-se da doutrina da astúcia da razão, ou, nessa mesma linha, da subordinação da espontaneidade individual a disciplina partidária. A crença em que a ação cega dos meios poderia ser sumariamente substituída pela soberania dos fins racionais foi uma utopia burguesa. E a própria antítese entre os meios e os fins que convém criticar. Ambos são reificados no pensamento burguês, os fins como "ideias" cuja esterilidade reside em serem incapazes de se externalizar, sendo essa irrealizabilidade habilmente dissimulada como implícita no absoluto, e os meios como "dados" da mera existência sem sentido, a serem classificados, conforme sua eficácia ou falta dela, como seja lá o que for, mas desprovidos de razão em si. Essa antítese cristalizada é válida para o mundo que a produziu, mas não para o esforço de modificá-lo. Como os meios e os fins são efetivamente separados, não se pode pensar nos sujeitos desse avanço como uma unidade não mediada dos dois. Mas tampouco se pode perpetuar essa divisão, na teoria, pela expectativa de que eles possam ser, ou simples portadores dos fins, ou meios absolutos. Ambos os tipos são máscaras teatrais da sociedade de classes, projetadas no céu noturno do futuro, e os próprios burgueses sempre se deleitaram com seus erros, assim como com seu aspecto irreconciliável: de um lado, o rigorista abstrato, esforçando-se impotentemente por realizar quimeras, e de outro, a criatura sub-humana que, descendente da desonra,

nunca poderá evitá-la. A divisão de classes da sociedade também é mantida por aqueles que se opõem a sociedade de classes: seguindo a divisão esquemática entre o trabalho físico e o mental, eles se dividem em trabalhadores e intelectuais. A comunhão dos trabalhadores mentais e braçais soava reconfortante, e o proletariado farejou com acerto, na liderança espiritual que lhes era recomendada. Hoje em dia, quando o conceito de proletariado, intocado em sua essência econômica, está tão obliterado pela tecnologia que, no maior dos países industrializados, não há possibilidade de uma consciência proletária de classe, o papel dos intelectuais já não seria alertar os obtusos para seus interesses mais patentes, porém tirar a venda dos olhos dos espertos, tirar a ilusão de que o capitalismo, que faz deles seus beneficiários transitórios, baseia-se em outra coisa que não sua exploração e opressão. Os trabalhadores enganados dependem diretamente daqueles que ainda conseguem enxergar alguma coisa e falar-lhes de seu engano. As massas já não desconfiam dos intelectuais por eles traírem a revolução, mas porque eles talvez a queiram com isso, revelam quão grande é sua própria necessidade de intelectuais. A humanidade só sobreviverá se os extremos se unirem.

5. CONCLUSÃO

O presente trabalho procurou mostrar a importância de releituras críticas do marxismo, não se deixando apegar dogmaticamente ao cânone, mas conhecendo, lendo, reconhecendo as falhas e as qualidades dessa teoria que causou uma grande revolução política mundial. Žižek, apesar de um pensador altamente complexo e não linear, consegue atualizar bem essa criticidade, tanto que demonstrou grande capacidade de contraposição aos preconceitos marxistas de Jordan Peterson. Como exemplo de uma das passagens de sua obra *12 Regras para a vida*:

Nada dessa complexidade é jamais discutida pelos pensadores marxistas/pós-modernos. Em vez disso, sua abordagem ideológica fixa um ponto de verdade, como a Estrela Polar, e força todo o resto a girar em torno dele. A alegação de que todas as diferenças de gênero são uma consequência da socialização não pode ser provada, nem

refutada, em um certo sentido, porque a cultura pode ser imposta com tanta força a grupos ou indivíduos que praticamente qualquer resultado é atingível se estivermos dispostos a arcar com os custos. (PETERSON, 2018, p. 377).

Peterson se apoia em uma série de preconceitos unívocos psicologizantes, como a visão de que o pós-modernismo é uma continuidade com o marxismo, a de que o marxismo científico foi uma utopia que se desdobrou num socialismo que matou milhões de pessoas.⁸ Ora, o capitalismo também matou e mata inumeravelmente milhões de pessoas, e Žižek ainda diz, ironicamente, que são essas mortes mais atuais, como as causadas recentemente pelo coronavírus que fazem a realidade do socialismo emergir como necessidade humana.

Quando sugeri que a epidemia do coronavírus poderia dar um novo impulso vital ao comunismo, a minha afirmação foi, como expectável, ridicularizada. Embora pareça que a forte abordagem do estado chinês à crise tenha resultado - [...] a velha lógica autoritária dos comunistas no poder já claramente demonstrou também as suas limitações. Uma delas foi que o medo de levar más notícias aos que estão no poder (e ao público) supera resultados verdadeiros. (ŽIŽEK, 2020, p. 3).

É possível também refletir, por meio de uma interessante matéria chamada Era uma vez em Hollywood publicada no *Le monde Diplomatique* sobre Žižek em que tais afirmações dele sobre a atualidade da pandemia já variaram diversas vezes, mas que suscitam algumas reflexões tais como:

Žižek imagina que o vírus produziu uma igualdade de contaminação entre as nações, classes e indivíduos: “Todos estamos no mesmo bote” (2002, p.25), sentencia. Essa isonomia da pandemia será o móbil para uma “urgente reorganização da economia global” (2020, p.27) para além dos mercados. Será, pois, através de um agente externo, o vírus Sars-CoV-2, que teremos, enfim, uma causa eficiente para nos conduzir a esse novo sistema mais solidário, uma espécie de ONU comunitarista, que imporá aos Estados-nação os ajustes necessários à transformação social dos novos tempos. Será um sistema híbrido entre liberalismo e comunismo, uma conjunção entre as liberdades

⁸ “Dr. Peterson tentou como um aluno provar no exame que havia lido “O Manifesto Comunista” e, ao mesmo tempo, como psicólogo clínico, tentou analisar o estado mental de Marx. Durante o evento, descobriu-se que havia algum mal-entendido sobre o significado das palavras. Žižek até teve que perguntar algumas vezes: ‘Onde você encontrou esses dados?’ ‘Onde está o elemento marxista no que você descreveu como neomarxismo pós-moderno?’ ‘Dê-me alguns nomes de neomarxistas igualitários.’” (FEDOROVSKY, 2019, p. 39)

individuais e a necessidade de mudanças radicais no capitalismo global, vaticina. Com essa formulação, fico a me perguntar: será Žižek o herdeiro do que no passado recente se chamava de marxismo ocidental? (CAPOVILLA, 2020, s/p)

Percebe-se que tais questões suscitadas levam a uma necessidade de aprofundamento do pensamento de Žižek principalmente no que diz respeito na relação entre sua própria história como esloveno que visualizou a independência em relação a Iugoslávia, um dos países considerados mais soviéticos da Europa. Talvez o hibridismo dessa vivência possa ter traços de um sincretismo do marxismo e do neoliberalismo rejeitado teoricamente por qualquer marxista e talvez também por qualquer neoliberal convicto, entretanto, o tempo vai dizer se economicamente o que será viável, essa síntese dialética ou a emergência de um novo sistema que supere ambos.

REFERÊNCIAS

CAPOVILLA, Cristiano. Sopa de Wuhan: Era uma vez em Hollywood. **Le monde Diplo-matique**. 20 de Abril de 2020. Disponível em : < <https://diplomatie.org.br/era-uma-vez-em-hollywood/> > Acesso em 23 de Janeiro de 2021.

FEDOROVSKY, Michael. The Debate between Slavoj Žižek and Jordan Peterson. **Di-alektika**. MAYO-AGOSTO. (2019). Vol. 1 (1), pp. 38- 44.

KUL-WANT. Christopher. **Entendendo Slavoj Zizek**. São Paulo: Leya, 2012.

MARX, K. **O capital**, Livro I. São Paulo: Boitempo, 2013.

MARX, K. **O capital**, Livro II. São Paulo: Boitempo, 2014.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**. São Paulo: Boitempo, 2016.

MÉSZÁROS, István. **Estrutura social e formas de consciência II - A dialética da estrutura e da história**. São Paulo: Boitempo, 2011.

PETERSON, Jordan. **12 Regras Para a Vida: Um Antídoto Para o Caos**. 1º ed. Rio de Janeiro: Alta Books, 2018.

SMITH, Adam. **Riqueza das Nações**. trad, port., Ed. Fundação Calouste Gulbenkian, 2 vols, Lisboa, 1981 e 1983.

ZIZEK, Slavoj. **Um mapa da ideologia**. trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

ŽIŽEK, Slavoj. **As piadas de Žižek: você já ouviu aquela sobre Hegel e a Negação?** 1ª ed., São Paulo, 2015.

ŽIŽEK, Slavoj & PETERSON, Jordan. **O debate do Século**. 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=buGY_XbP0ul>.

ŽIŽEK, Slavoj. Coronavírus é um golpe no capitalismo ao estilo de ‘Kill bill’ e poderia conduzir à reinvenção do comunismo. Publicado em Rússia Today 27 de fevereiro, 2020. Trad. de Mariana Vilela, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. **Desarmada**. Ano 1. V. 8. Abril 2020.

178

Recebido em: 04/2021

Aprovado em: 07/2021

